

*Nada Obsta*

Braga, 23.06.04

P.e Manuel Moreira da Costa Santos

*Pode Imprimir-se*

Braga, 27.06.04

+ Jorge Ortiga, *Arc. Primaz*

Distribuição:

Nova Livraria Diário do Minho, Lda

Rua Santa Margarida, 2

4710-306 BRAGA

Tel: 253 216 993    Fax: 253 618 690.

## Siglas

- AG Conc. Ecum. Vaticano II, Decreto sobre a atividade missionária da Igreja *Ad Gentes* (7 de Dezembro de 1965).
- CD Conc. Ecum. Vaticano II, Decreto sobre o ofício pastoral dos Bispos na Igreja *Christus Dominus* (28 de Outubro de 1965).
- CCE *Catecismo da Igreja Católica* (15 de Agosto de 1997).
- CIC *Código de Direito Canónico* (25 de Janeiro de 1983).
- ChL João Paulo II, Exortação apostólica pós-sinodal *Christifideles Laici* (30 de Dezembro de 1988).
- CT João Paulo II, Exortação apostólica *Catechesi Tradendae* (16 de Outubro de 1979).
- DGC Sagrada Congregação para o Clero, Directório Geral da Catequese (15 de Agosto de 1997).
- DV Conc. Ecum. Vaticano II, Constituição dogmática sobre a revelação divina *Dei Verbum* (18 de Novembro de 1965)
- EN Paulo VI, Exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi* (8 de Dezembro de 1975).
- FD João Paulo II, Constituição apostólica *Fidei Depositum* (11 de Outubro de 1992).
- GCM Congregação para a Evangelização dos Povos, *Guia para os catequistas*. Documento de orientação em vista da vocação, da formação e da promoção dos catequistas nos territórios de missão que dependem da Congregação para a Evangelização dos povos (3 de Dezembro de 1993).
- GS Conc. Ecum. Vaticano II, Constituição pastoral sobre a Igreja no mundo contemporâneo *Gaudium et Spes* (7 de Dezembro de 1965).

- LG Conc. Ecum. Vaticano II Constituição dogmática sobre a Igreja *Lumen Gentium* (21 de Novembro de 1964)
- MPD Sínodo dos Bispos, Mensagem ao Povo de Deus *Cum iam ad exitum* sobre a catequese no nosso tempo (28 de Outubro de 1977).
- RICA *Ritual de Iniciação Cristã de Adultos* (6 de Fevereiro de 1972).

## Introdução

Fala-se, insistentemente, na necessidade de formação. Todos a referem e situam nos âmbitos mais variados, desde o profissional ao familiar.

O que vale para todos, torna-se imperioso para aqueles e aquelas que se sentem o chamamento para transmitir uma mensagem. Importa conhecer e aprofundar os conteúdos e renovar, permanentemente, os métodos. Quem pensa ter atingido a meta e repousa à sombra de um percurso efectuado, ainda não atingiu o núcleo e podemos assegurar que nunca corresponderá às expectativas e necessidades dos destinatários.

O mundo da catequese, com a carga realizadora de um crescimento na fé, será sempre um convite a mergulhar, dum modo novo, numa maneira de ser e agir pessoais, para transmitir com a palavra e o testemunho. Sendo igual a necessidade de formação, torna-se mais urgente por aquilo que caracteriza o seu exercício. É sempre uma aprendizagem e um reconhecer os limites dum itinerário iniciado há muitos ou poucos anos.

Quero louvar a iniciativa do Departamento Arquidiocesano da Catequese em proporcionar estes subsídios. Trata-se duma fonte onde os catequistas devem saciar a sede que, teoricamente, todos reconhecemos existir.

Importa ultrapassar a barreira da teoria e penetrar nas exigências concretas de quem reserva tempo e energias para reflectir, interiorizar e adquirir novas fundamentações para o desempenho da missão que a Igreja lhes confia. Valem os subsídios; só aproveitando-os produzem efeitos benéficos.

Este material surge nos inícios dum Ano Vocacional. Sei que não é para ser aproveitado só durante este ano. Continuará como referência. Só que podemos acolhe-lo como um dom a permitir que se interprete a catequese como uma vocação a suscitar outras vocações. Não somos catequistas por acaso. Foi o Senhor que nos chamou. E não somos catequistas por mero gosto pessoal. Focando e experimentando o Amor de Deus, comunica-se a alegria de O seguir. A catequese, como o cristianismo, não é uma ideologia. Trata-se de provocar um

encontro com Alguém que amou em primeiro e, no respeito pela liberdade, espera uma resposta de generosidade.

Com estes subsídios espero que os catequistas se entusiasmem por Cristo e gerem paixão pela causa do Reino.

+ Jorge Ortiga, *Arc. Primaz*

# Revelação Divina

## OBJECTIVOS:

- Interiorizar a revelação de Deus como um dom gratuito;
- Descobrir Cristo como a plenitude da revelação;
- Sentir a responsabilidade de mediação, hoje, da revelação de Deus.

## Desenvolvimento:

### 1. Revelação, dádiva de Deus

A revelação é um dom gratuito que Deus oferece aos homens pela Pessoa de Seu Filho, Jesus Cristo. “Dando-nos a conhecer o mistério da Sua vontade, segundo o beneplácito que n’Ele de antemão estabelecera para ser realizado ao completarem-se os tempos: reunir sob a chefia de Cristo todas as coisas” (Ef. 1,9-10). Esta revelação é feita por um Deus que sai do Seu segredo, da Sua intimidade, para Se dar a conhecer e revelar aos homens de todos os tempos a Sua vontade. Porém, esta revelação de Deus não é para oprimir o homem, é um Deus que, por sua vez, se vai como que acomodando aos diferentes modos do homem e à sua capacidade de compreensão. Vem como dádiva de salvação para toda a humanidade (cf. DGC 36).

A primeira característica da revelação divina é a ligação orgânica com a história dos homens pela encarnação do próprio Filho. A encarnação torna o Verbo de Deus visível e palpável entre os homens para manifestar o Pai que permanece invisível.

Diz a Dei Verbum: “Aprove a Deus, na sua bondade e sabedoria, revelar-se a Si mesmo e dar a conhecer o mistério da Sua vontade, segundo o qual os

homens por meio de Cristo, verbo encarnado, têm acesso ao Pai no Espírito Santo e se tornam participantes da natureza divina” (DV 2; Cf DGC 36). O Filho vem revelar a vida íntima de Deus; manifestar o amor recíproco entre o Pai e Ele e, simultaneamente, comunicar o amor do Pai a todos os homens, para que sejam um só e vivam “perfeitos na unidade”. Cristo torna-se a teofania plena, o Deus que revela e é revelado.

Através da revelação Deus fala aos homens, “como um amigo a um amigo”, cria intimidade e convida-os à comunhão com Ele. Neste estado de intimidade e comunhão está o fundamento e meta do anúncio da revelação divina.

## 2. O percurso da revelação

A revelação de Deus segue um plano sabiamente pensado, realizado pacientemente, para preparar a humanidade a acolher progressivamente a oferta. Deus foi realizando esse percurso escolhendo diferentes caminhos, utilizando a pedagogia de se revelar por etapas, para melhor se ajustar ao modo humano de agir (Cf. DGC 38).

### 2.1. Etapas no Antigo Testamento

Neste percurso progressivo, Deus vai escolhendo diferentes mediações para se dar a conhecer. Revela-se muito lentamente. Começa por dizer o Seu nome: “Eu sou Aquele que sou” (Ex. 3,14); mais tarde afirma-se como Aquele Deus e único salvador que faz uma aliança com o seu Povo “Serei o seu Deus e eles serão o meu Povo” (Jer 31,33).

No decorrer do Antigo Testamento temos a era profética que se reveste de grande importância no percurso desta revelação. Deus serve-se de mediadores, que se tornam guardiões e defensores dessa Aliança que tinha estabelecido com Israel, seu Povo. Deus foi-os chamando à Sua intimidade de entre as mais variadas situações, revelando-lhes os Seus segredos, o Seu projecto para que

fossem seus verdadeiros intérpretes junto dos homens. Desta forma, a revelação reveste-se de uma característica essencialmente interpessoal. É a manifestação de Alguém a outra pessoa.

A revelação que se inicia com a promessa feita a Abraão, que na fase dos profetas passa por uma realização parcial, atinge a plenitude da sua realização em Cristo e por meio d'Ele.

## 2.2. Plenitude no Novo Testamento

“Tendo Deus, muitas vezes e de muitos modos, falado outrora aos nossos pais por intermédio dos profetas, nestes últimos dias, falou-nos por meio de seu Filho” (Hb. 1,1-2). Cristo, que pela encarnação, assume a carne e a linguagem dos homens, torna-se plenitude da revelação, Aquele que revelando Deus, se revela a Si mesmo. Cristo torna-se o rosto do Pai, de modo que vê-lo é ver o Pai: por isso “com toda a sua presença e manifestação da sua pessoa; com palavras e obras; sinais e milagres e sobretudo com a sua morte e ressurreição; enfim, com o envio do Espírito da Verdade, completa e confirma com o testemunho divino a revelação” (DV 4). De facto, Jesus Cristo é a “Palavra única, perfeita e definitiva do Pai” (CCE 65).

É finalidade da catequese mostrar Jesus Cristo revelado: a Sua vida e o Seu mistério e apresentar a fé cristã como seguimento e opção pela Sua Pessoa. “O facto de Jesus ser a plenitude da revelação é o fundamento do «cristocentrismo» da catequese”(DGC 41). Cristo é o centro a partir do qual se hierarquizam todos os conteúdos da catequese (Cf. DGC 41).

## 3. Jesus revela-se por palavras e obras

Jesus Cristo, Filho de Deus, através das Suas palavras e dos seus gestos revela o ser e o amor do Pai, pelo que a sua obediência filial e o cumprimento da

Sua vontade acaba por ser o modo pelo qual mostra a união entre o Pai e o Filho. Este é o modelo e o centro de toda a experiência pascal possível, pois em Jesus cada pessoa pode experimentar o amor do Pai, revelado pelo Filho, e onde todos são chamados a serem filhos de Deus, assumindo de forma incondicional e livre a vontade salvífica de Deus.

Esta iniciativa divina e primeira do Pai verifica-se nas palavras e gestos – nos Sacramentos – que Jesus Cristo ressuscitado realiza na Igreja, sua Esposa e nossa Mãe, que, sob a acção do Espírito Santo, guia e conduz aqueles que são chamados a entrar na comunhão de vida trinitária. De facto “aprouve a Deus, em sua bondade e sabedoria, revelar-se e tomar conhecido o mistério de sua vontade (cf. *Ef* 1, 9), pelo qual os homens têm, no Espírito Santo, acesso ao Pai e se tornam participantes da natureza divina, por Cristo, Verbo feito carne (cf. *Ef* 2, 18; *II Pe* 1, 4). Mediante esta revelação, portanto, o Deus invisível (cf. *Col* 1, 15; *I Tim* 1, 17), levado por seu grande amor, fala aos homens como a amigos (cf. *Êx* 33, 11; *Jo* 15, 14-15), entretém-se com eles (cf. *Bar* 3, 38) para convidá-los à participação de sua intimidade”(DV 2). No itinerário de iniciação cristã – que integra a catequese e a celebração dos sacramentos – realiza-se o cumprimento da promessa de salvação divina, realizada por Cristo, em obediência ao Pai e sob a acção do Espírito Santo.

#### 4. Transmissão da revelação, hoje

Com Cristo culmina a revelação de Deus, que é destinada a toda a humanidade: “Deus quer que todos os homens se salvem e cheguem ao conhecimento de Deus” (1Tim. 2,4; Cf DGC 42). Para cumprir este desígnio divino, Jesus Cristo instituiu a Igreja com o fundamento nos apóstolos, que “na sua pregação transmitiram o que tinham escutado dos lábios do Mestre, o que tinham observado nas suas acções e o que tinham aprendido por inspiração do Espírito Santo” (DV 7). A Tradição apostólica continua, hoje, na Igreja e através dela. A

Igreja é como que o termo definitivo do mistério e a expressão visível e estável para a conservação e a transmissão do Projecto de salvação que Deus revelou. “O Espírito Santo fecunda constantemente a Igreja enquanto ela vive o Evangelho; faz com que ela cresça continuamente na compreensão do mesmo e a impulsiona e sustenta na tarefa de o anunciar em todos os recantos do mundo” (DGC 43).

Hoje a Igreja através da evangelização anuncia o Projecto salvífico do Pai. A pessoa numa adesão pessoal e livre, guiada pela fé, dom do Espírito, pode saborear o Deus amor que em Cristo se revelou (cf. DGC 45).

A catequese, na sua missão de transmitir a Revelação, propicia ao catequizando o contacto com os documentos da fé, com as fontes da fé.

#### *Síntese:*

- A revelação de Deus é um dom que Ele providencialmente nos quis oferecer, para que pudéssemos entrar na sua intimidade e na comunhão com Ele. É uma dádiva de salvação.

- Deus usou a pedagogia da progressividade e das mediações para melhor se ajustar à compreensão dos homens.

- Pela encarnação Cristo torna-se o rosto visível do Pai, a plenitude da revelação e é a partir d'Ele que todos os conteúdos se organizam e hierarquizam na catequese.

- A Igreja instituída por Jesus é a expressão visível para a *conservação e transmissão* do projecto salvífico que Deus revelou.

#### *Dinâmica:*

1. Cântico inicial: Nós somos o Povo do Senhor (ou outro à escolha).
2. Exposição do tema.

3. Trabalho de grupos:

- Recorda alguma acção realizado por Jesus que confirme a sua doutrina. Justifica a escolha.

- Faz um comentário ao número 39 do Directório Geral da Catequese, que explicita dados importantes para os encontros de catequese.

4. Plenário.

5: Oração conclusiva, fomentando a oração espontânea.

*Textos de referência:*

Sagrada Escritura: Ex 3, 14; Jr 31,33; Ef 1,9-10; Hb 1, 1-2; 1Tim. 2, 4.

CCE 65, 68-69, 73-74, 426-427.

DV 2, 4, 7.

DGC 36, 38, 41, 42, 43, 45.

## Fontes da Catequese

### *Objectivos:*

- Conhecer onde se podem encontrar as fontes da Catequese;
- Perceber que a Catequese está ao serviço da Revelação;
- Reconhecer o cristocentrismo da Catequese.

### *Desenvolvimento:*

#### Fontes da Catequese

A finalidade da catequese, o colocar em contacto e comunhão com Jesus Cristo, pede que se tenha claro qual é a fonte onde se pode ter acesso à revelação divina, pois ao criar o ser humano, Deus tem um projecto de amor e de felicidade para cada um.

Ao longo de História da Salvação, Deus faz-se presente actuando de várias formas para salvar. Até que, num acto excepcional de amor, enviou o Seu próprio Filho, para que o ser humano entendesse melhor o Seu plano salvífico.

A catequese há-de, pois, “beber sempre o seu conteúdo na fonte viva da Palavra de Deus, transmitida pela Tradição e na Sagrada Escritura, porque ‘a Sagrada Escritura e a Sagrada Tradição constituem um só depósito inviolável da Palavra de Deus, confiado à Igreja”(CT 27). Esta Palavra é continuamente meditada e compreendida pelo Povo de Deus, que a celebra na liturgia, a vive no seu quotidiano e a encarna em autênticos valores religiosos e morais. Toda esta actividade eclesial de guardar, transmitir e viver a Palavra de Deus é garantida pelo Magistério que tem a missão de interpretar autenticamente a Palavra de Deus (Cf DV 10).

A Sagrada Tradição, a Sagrada Escritura e o Magistério estão intimamente relacionados e unidos, e são, “cada um a seu modo, as fontes essenciais da Catequese” (DGC 95). A Catequese encontra, pois, nestas três fontes, e na soma delas, o verdadeiro rosto de Cristo.

As verdades que a Catequese há-de transmitir e dar conhecer a cada catequizando, a fé em Jesus Cristo, expressam-se nos símbolos da fé, celebram-se nos sacramentos da Igreja, mostram-se nos testemunhos das vidas dos santos, na herança espiritual dos Padres e no ensino dos pastores da Igreja. Todas estas fontes são vias por onde se tem acesso à única salvação: Jesus Cristo.

Podemos assim sintetizar que para além da Sagrada Escritura, são fontes da catequese os documentos do Magistério, os testemunhos e vida dos Santos Padres, os textos litúrgicos e da vida da Igreja.

A catequese torna presente a Revelação

É, contudo, impossível separar a revelação como acontecimento histórico da sua recepção pelo ser humano. Não podemos falar de revelação com toda a propriedade, se a automanifestação de Deus em e pela história não é captada pelo crente. A catequese, por si, não produz nem é a revelação, mas é a entrega confiada do catequizando a Deus e a homenagem do entendimento e da vontade. A revelação acontece precisamente quando, para além das afirmações materiais, se torna efectiva a sua realidade interna sob a forma de fé, pelo que pertence à revelação, em certo sentido, também o sujeito receptor, já que sem ele não se produz a revelação. É o Espírito Santo que ilumina interiormente o homem para que se una a Cristo pela fé e entre em comunhão de vida com a Santíssima Trindade, através d'Ele, sendo a catequese apenas a mediação eclesial.

Por isso, actualiza-se a revelação quando, pela acção do Espírito, entramos e permanecemos em comunhão com os testemunhos que contemplaram o acontecimento revelador de Jesus Cristo e cujo testemunho se prolongou fielmente nos escritos da origem e na memória vivente da Igreja do acontecimento de Cristo,

ou seja, daquela experiência original, definitiva e insuperável, que os homens fizeram de Deus na vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo e que se expressa na palavra proclamada, se revive na celebração, especialmente na Eucaristia, e se reafirma e se torna histórica numa práxis em que se presenciariza, nas novas situações dos homens, aquele modo de ser e de actuar do mesmo Jesus.

### Catequese significativa

A catequese há-de conseguir que, sob a acção do Espírito Santo, a revelação seja significativa para o homem de hoje. A sua função consiste em fazer ressoar a Palavra de Deus, viva e significativa, de modo que toque a experiência do crente, a ilumine, o leve a interpretar a sua vida à luz da Palavra, lhe dê uma resposta positiva, com todas as implicações vitais que isso acarreta.

Pelo facto de Jesus Cristo ser a plenitude da Revelação esta é cristocêntrica: “o mistério de Cristo, na mensagem revelada, não é o elemento a mais, justaposto aos outros, mas sim o centro a partir do qual todos os outros elementos se hierarquizam e iluminam”(DGC 41). Na catequese, o que se ensina é Cristo e tudo o mais é em referência a Ele. Quem ensina é Cristo; qualquer outro que o faça, fá-lo na medida em que deixa que Cristo fale pela sua boca (Cf CT 6). O centro da catequese é, pois, a Pessoa de Jesus Cristo, revelador de Deus Trindade. Trata-se de um “cristocentrismo essencialmente trinitário”(DGC 99).

Jesus Cristo, revelador do Pai, é o centro da fé cristã. Os textos sagrados não são outra coisa do que a releitura, na fé pascal, de um acontecimento histórico, que transformou a vida dos discípulos.

A catequese, como acto de tradição, ou seja, de entrega da fé revelada, tem em Jesus Cristo o seu centro. Pois Cristo é ao mesmo tempo o Mistério revelador e o Mistério revelado, o mediador e a plenitude da revelação (Cf DV 2,4). Por isso, Jesus Cristo ocupa uma posição única, quer na fé cristã quer no contexto das outras religiões. O Cristianismo é a religião onde a Revelação encarna numa Pessoa que se apresenta como caminho, verdade e vida (Cf Jo 14,6). O acto de

crer em Jesus Cristo, entrar em comunhão com Sua Pessoa, permite-nos estar em comunhão com o Deus vivo e verdadeiro, que é Trindade. Jesus Cristo é em simultâneo imanente à história, o “Verbo fez-se Carne”(Jo 1,14), mas também Transcendente absoluto, “é por Ele que uns e outros, num só Espírito, temos acesso ao Pai”(Ef 2,18). Cristo não é um aspecto mais da Revelação: Ele é a Revelação de Deus, o totalmente Outro.

Deste modo, o cristocentrismo na catequese significa que devemos mostrar, acima de tudo, a Pessoa de Jesus Cristo e propiciar o Seu seguimento. Transmitir a verdade de Cristo é transmitir o próprio Cristo.

### *Síntese:*

- A catequese tem a sua Fonte na revelação de Deus à humanidade, que tem o seu ponto alto em Jesus Cristo. Esta Revelação está presente na Sagrada Escritura e Sagrada Tradição e é custodiada pelo Magistério.

- Temos acesso à totalidade da Revelação através da Sagrada Escritura, dos documentos do Magistério, dos testemunhos e vida dos Santos Padres, dos textos litúrgicos e da vida da Igreja.

- O cristocentrismo da Catequese significa que Cristo é o centro e a Aquele que devemos transmitir, tudo o mais é em referência a Ele. O centro da catequese é Jesus Cristo, revelador de Deus Trindade.

### *Dinâmica:*

Ambientação: pode cantar-se o cântico de acção de graças da Eucaristia do último domingo, que será também um momento de oração.

De seguida faz-se a exposição do tema, seguindo-se um tempo de reflexão a partir dos textos propostos. Aí analisa-se como é que estas fontes estão presentes nas catequese que realizamos.

Plenário.

*Textos de referência:*

DGC 94-96; 115.

CCE 80-83, 124.

DV 7-10.

## O que é evangelizar e o lugar da Catequese

### *Objectivos:*

- Saber que a evangelização tem a função de anunciar o Evangelho e de chamar à conversão;
- Reconhecer a catequese como um momento importante no processo evangelizador;
- Perceber que é necessária uma boa coordenação da Catequese de Iniciação no projecto catequético da cada comunidade cristã;

### *Desenvolvimento:*

#### 1. O que é evangelizar

Hoje mais do que nunca, numa sociedade envolta pela descrença e na qual Deus parece não ter lugar ou, se o tem, está muito aquém do merecido, surge a urgente necessidade de evangelizar. A missão da Igreja, hoje, continua a ser a mesma de Jesus, evangelizar todas as nações: para levar a Boa Nova a todas as parcelas da Humanidade... transformá-las a partir de dentro e tornar nova a própria humanidade, ou seja, anunciar o Reino de Deus (cf. DGC 46).

O “verbo” evangelizar aponta-nos inevitavelmente para o Evangelho enquanto anúncio de Jesus Cristo e da Sua mensagem universal de salvação. Este alegre anúncio comporta consigo o propósito da conversão por parte de quem o ouve, de modo que aceite a Boa Nova e assuma o Baptismo. Ao mesmo tempo, a evangelização, no seu segundo momento, “inicia na fé e na vida cristã, através da catequese e dos sacramentos de iniciação, aqueles que se convertem a Jesus Cristo, ou aqueles que reencontram o caminho do Seu seguimento, incorporando

os primeiros na comunidade cristã e a ela reconduzindo os outros” (DGC 48). É a etapa catecumenal.

## 2. As etapas do processo evangelizador

O processo evangelizador organiza-se em três etapas ou momentos essenciais que, não sendo compartimentos estanques, se repetem se necessário for, tendo em vista o crescimento espiritual da pessoa e da comunidade.

A primeira etapa diz respeito à acção missionária que é dirigida aos não crentes, no nosso caso, baptizados ou não; aos que nunca tiveram fé ou a perderam; aos afastados da fé cristã; aos que vivem e organizam a sua vida à margem da vida cristã. Esta etapa termina quando aqueles que por ela passam descobrem a salvação em Deus por Jesus Cristo e começam a orientar a sua vida e acções para Ele.

A Acção Catequética é a segunda etapa deste processo e dirige-se àqueles que descobriram a Boa Nova através da acção missionária e optaram por Jesus Cristo. Este momento é de aprofundamento da fé e integração na vida da Comunidade Cristã: é o tempo da aprendizagem de toda a vida cristã.

Por último, temos o momento dedicado à Acção Pastoral, que integra já a actividade de todo o baptizado que participa na vida da comunidade e em favor da mesma de uma forma activa através de serviços concretos, aos que corresponde a vocação de cada um.

Estas etapas procuram espelhar a missão eclesial que “recebe a missão de anunciar e instaurar o Reino de Cristo e de Deus em todos os povos e constitui o germe e o princípio deste Reino na terra” (LG 5).

### 3. O lugar da Catequese na evangelização

Como foi exposto no ponto anterior, a catequese é uma das etapas do processo evangelizador. Não representa tudo na evangelização, mas ocupa um lugar importante. Se procurarmos encontrar uma definição para catequese podemos dizer que esta, mais que uma educação cristã, procura colocar o catequizando não só em contacto, mas em comunhão e intimidade com Cristo (cf. CT 5). Para isso realiza uma formação orgânica e sistemática que pretende conduzir, com o auxílio do Espírito Santo, à plenitude da vida cristã. A catequese é a responsável pela iniciação na plenitude da vida cristã. Está estreitamente ligada com os sacramentos da Iniciação, especialmente com o Baptismo (cf. CT 18).

A catequese e a evangelização em geral integram-se e complementam-se reciprocamente. É a catequese que sucede à acção missionária da Igreja, uma vez que, é graças a ela, que o primeiro anúncio é pouco a pouco aprofundado, desenvolvido e explicado e “orientado para a prática cristã, na igreja e no mundo” (CT 25). Para isso, pressupõe-se a fé inicial do catequizando que já fez a sua opção fundamental por Jesus Cristo. O que se verifica, no entanto, é que grande parte dos catequizandos que chegam hoje às nossas catequese ainda não fizeram a sua adesão a Jesus Cristo, pelo que, nestes casos, a catequese tem que ajudar o despertar religioso dos catequizandos (cf. CT 19).

Assim como sucede na primeira etapa da evangelização, a catequese antecede e prepara a Acção Pastoral. Toda a actividade catequética tem em vista a inserção do catequizando na vida da Comunidade, fortalecendo-o para um testemunho cristão fiel e firme. No conjunto da evangelização, a catequese constitui uma fase de ensino e de ajuda ao amadurecimento da fé cristã, que passa inevitavelmente pela comunhão com os outros que fizeram a mesma adesão a Jesus Cristo. A comunidade é responsável pelo acolhimento do catequizando, pois se tal não se verificar a catequese é estéril. Isto torna a família dos crentes responsável por promover a formação dos seus membros e pelo acolhimento dos mesmos, de forma que eles possam viver mais plenamente aquilo que descobriram e deram o seu assentimento, pela fé.

A catequese pretende, não só preparar os novos membros para que a comunidade cristã tenha mais vida, mas também para que cresça e se revitalize. A catequese é uma acção basilar para a construção, tanto da personalidade do discípulo, como da comunidade, sem ela a acção pastoral não teria raízes e seria superficial e confusa (cf. DGC 64). Podemos concluir que a Comunidade cristã não vive sem catequese, uma vez que é através dela que novos cristãos se formam (cf. DGC 221).

### *Síntese:*

A catequese integra o processo evangelizador da Igreja, assumindo um carácter de transitoriedade, uma vez que é limitada no tempo. Isto porque, apesar de iniciar no Mistério de Jesus Cristo, ninguém está em iniciação indefinidamente. A catequese é também sistemática, segue um programa concentrando-se no essencial e visa a iniciação cristã, atingir a memória, a inteligência e o coração (cf. EN 44). Por último, a catequese é também uma prioridade na comunidade eclesial para os fiéis (cf. CT 15), para os Bispos (cf. CT 63) e sacerdotes (cf. CT 64). A realização fecunda de toda a missão da Igreja passa indispensavelmente por uma catequese séria e autêntica.

### *Dinâmica:*

Cântico: Queremos ser construtores.

Trabalho de grupo:

- O que se procura na Iniciação Cristã?
- Descreve as três etapas da Evangelização

Plenário.

*Textos de referência:*

CT 5, 15, 18, 19, 25.

CCE 1229-1231.

DGC 46, 48, 63, 64, 221.

EN 44.

LG 5.

## Natureza, finalidade e tarefas da Catequese

### *Objectivos:*

- Perceber o que é a catequese;
- Conhecer o objectivo da catequese;
- Distinguir as tarefas que a catequese deve realizar.

### *Desenvolvimento:*

#### Natureza da catequese

A catequese é uma acção da Igreja, é a Igreja no seu todo que faz a catequese, cumprindo a sua missão de ser continuadora da missão de Jesus Cristo: levar a Boa Nova a todos os povos. A Igreja, animada pelo Espírito Santo, conserva no seu coração, anuncia, celebra, vive e transmite o Evangelho através da catequese (Cf DV 8).

A comunidade eclesial é a origem, o lugar e a meta da catequese.

É a *origem* porque o catequista não actua em nome próprio, mas em nome da comunidade cristã e, por isso, em nome de toda a Igreja (Cf EN 60). Além do mais, o catequista insere-se numa Tradição viva, que remete aos Apóstolos. O catequista pode e deve dizer como São Paulo: “Transmiti-vos, em primeiro lugar, o que eu próprio recebi” (1Cr 15,3).

A comunidade é o *âmbito* ou *lugar* normal da catequese. É como o seio materno onde se gera o homem novo, por meio da Palavra e dos Sacramentos de Iniciação cristã. O testemunho da comunidade é fundamental: a catequese

transmite com mais facilidade aquelas realidades e vivências que realmente existem na comunidade.

A *meta* da catequese é também a comunidade, pois é esta que acolhe os que são iniciados na fé. A catequese correria o risco de se esterilizar se não houvesse uma comunidade viva que acolhesse cada catequizando. Por isso, a comunidade é duplamente responsável: tem a responsabilidade de catequizar cada um dos seus membros; e também de os acolher, de modo a que possam viver o mais plenamente unidos Àquele a quem aderiram (Cf CT 24). Por último, é a catequese que renova a comunidade, pois através da Iniciação cristã a Igreja gera filhos no Filho e conduz à maturidade da fé tanto das comunidades como de cada fiel (Cf DGC 21).

#### Finalidade da catequese

O objectivo da catequese é levar cada catequizando não só a um contacto, mas a uma comunhão e intimidade com Jesus Cristo (Cf CT 5). Pela sua própria natureza, “a comunhão com Jesus Cristo impulsiona o discípulo a unir-se a tudo aquilo a que o mesmo Jesus Cristo se sentiu profundamente unido: a Deus seu Pai, que o enviara ao mundo; ao Espírito Santo, que lhe dava força para a missão; à Igreja, Seu corpo, pela qual Se entregou; e a toda a humanidade, Seus irmãos e irmãs, de cuja sorte quis partilhar” (DGC 81).

#### Tarefas da Catequese

Para conseguir este objectivo, a catequese deve seguir o modo como Jesus formava os seus discípulos, realizando estas tarefas fundamentais: conhecer as dimensões do Reino, ensinar a orar, transmitir atitudes evangélicas e iniciar à missão.

A catequese é responsável por educar nas diversas dimensões da fé: a fé professada; a fé celebrada; a fé vivida; e a fé rezada, tudo inserido numa comunidade e com sentido missionário.

*O conhecimento da fé:* a catequese deve conduzir à apreensão de toda a verdade do desígnio salvífico de Cristo. A compreensão da Sagrada Escritura, do Credo e demais documentos da fé da Igreja expressa e realiza esta tarefa.

*A educação litúrgica:* a comunhão com Jesus Cristo leva à celebração da Sua presença nos sacramentos, pelo que a catequese “além de favorecer o conhecimentos do significado da liturgia e dos sacramentos, deve educar os discípulos de Jesus Cristo ‘para a oração, para a gratidão, para a penitência, para as preces confiantes, para o sentido comunitário, para a percepção justa do significado dos símbolos...’, uma vez que tudo é necessário, para que exista uma verdadeira vida litúrgica”(DGC 85).

*A formação moral:* A conversão a Jesus Cristo tem como consequência que o discípulo siga o caminho do Mestre. A catequese deve favorecer uma educação que propicie ao catequizando atitudes próprias do cristão, que lhe transmita a vida em Cristo, concretizada em atitudes e opções morais.

*Ensinar a rezar:* A comunhão com Jesus Cristo leva a que os seus discípulos assumam o carácter orante e contemplativo do Mestre, conseguindo, deste modo, que a vida cristã seja vivida em profundidade. Aprender de Jesus a sua atitude orante “é rezar com os mesmos sentimentos com os quais Ele se dirigia ao Pai: a adoração, o louvor, o agradecimento, a confiança filial, a súplica e a contemplação da Sua glória”(DGC 85).

*Educar para a vida comunitária:* A educação para a vida comunitária implica que o catequizando tenha condições para se ir envolvendo de uma forma progressiva na vida da comunidade, assumindo responsabilidades e comprometendo-se com esta. Para a isso, a catequese deve fomentar atitudes próprias (Cf DGC 86a).

*A iniciação para a missão:* Só se adquiriu a maturidade da fé quando se tem capacidade e necessidade de testemunhar essa mesma fé, nas diversas circunstâncias da vida. A catequese, ao educar para o sentido missionário, capacita os discípulos para a sua missão na sociedade, na vida profissional, cultural e social.

### *Síntese:*

- A Catequese é uma acção da Igreja, através da qual transmite a fé que ela mesma recebeu, guarda e transmite de geração em geração;

- As tarefas que a catequese deve realizar é o iniciar ao conhecimento da fé, à celebração, à vida cristã e à oração. Tudo isto se realiza através da inserção numa comunidade e com sentido missionário.

### *Dinâmica:*

A reunião começa com uma oração, invocando o Espírito Santo.

Faz-se a exposição do tema, ao qual se segue o trabalho de grupos. Os vários grupos podem reflectir sobre o mesmo tema ou dividir os vários temas.

#### Hipóteses:

1)- Ler Act 2,42-45 e ver aí as tarefas da catequese.

2)- Folhear o Catecismo da Igreja Católica e ver a sua organização, comparando com as finalidades da catequese.

3)- A partir de Mt 28, 16-20 ver a relação que existe entre a Igreja e a catequese.

Conclui-se com um plenário.

Cântico: Queremos ser construtores

*Textos de referência:*

Act 2,42-45

DGC 77-91.

CT. 5, 24

DV. 8

EN. 60

## Elementos de Metodologia

### *Objectivos:*

- Utilizar meios adequados à transmissão de fé.
- Tornar dinâmica a educação da fé.
- Proporcionar uma melhor compreensão dos conteúdos da fé.

### *Desenvolvimento:*

A diversidade de métodos está ao serviço da revelação e da conversão apoiado na pedagogia divina

A Transmissão da fé na catequese é um acontecimento de graça, realizada pelo encontro da palavra de Deus com a experiência da pessoa.

Nesta transmissão da fé, a Igreja não possui um método próprio nem único, mas à luz da pedagogia de Deus discerne os métodos de cada tempo, assume com liberdade de espírito tudo o que é verdadeiro, tudo o que é virtuoso; assume todos os elementos que não estão em contradição com o Evangelho e coloca-os ao seu serviço. Discerne os métodos - segundo a idade e a caminhada dos destinatários.

### Relação Conteúdo - Método

Existe uma necessária relação e interacção entre o conteúdo e o método. Pois o catequista sabe que o conteúdo da catequese não é indiferente a qualquer método, mas exige um processo de transmissão adequado à natureza da mensagem, às suas fontes e linguagens, às circunstâncias concretas da

comunidade eclesial, à condição de cada um dos destinatários a quem se dirige a catequese.

“O princípio da ‘fidelidade a Deus e à pessoa humana’ leva a evitar toda a contraposição ou separação artificial, ou ainda a presumível neutralidade entre método e conteúdo, afirmando, pelo contrário, a sua necessária relação e interacção. O catequista reconhece que o método está ao serviço da revelação e da conversão e, portanto, é necessário servir-se dele. Por outro lado, o catequista sabe que o conteúdo da catequese não é indiferente a qualquer método, mas exige um processo de transmissão adequado à natureza da mensagem, às suas fontes e linguagens, às circunstâncias concretas da comunidade eclesial, à condição de cada um dos fiéis a quem se dirige a catequese” (DGC 149).

Pela sua importância, tanto na tradição, como na actualidade catequética, merecem ser recordados os métodos de aproximação à Bíblia, métodos ou pedagogia do documento, em especial a transmissão, uma vez que a catequese é transmissão dos documentos da fé, os sinais litúrgicos e eclesiais, Sagrada Escritura, liturgia, os Padres da Igreja e os métodos próprios dos meios de comunicação.

Um bom método catequético é garantia de fidelidade ao conteúdo de acordo com a história da catequese, onde se destaca o catecumenato (Cf RICA).

Fala-se hoje, habitualmente da via indutiva e da via dedutiva.

#### Via indutiva

Esta consiste na apresentação de factos (acontecimentos bíblicos, gostos litúrgicos, acontecimentos da vida da Igreja, e da vida quotidiana...), com o objectivo de discernir o significado que eles podem ter na revelação divina, chegar ao conhecimento das coisas inteligíveis através de coisas visíveis, levando o catequizando a atingir o mistério da sua vida.

Via dedutiva

Explica e descreve os factos a partir das suas causas mas a via dedutiva só terá pleno valor quando tiver presente o processo indutivo.

Em si mesmos são processos legítimos se forem respeitadas todas as regras, o mistério da graça e o dado humano, a compreensão da fé e o processo de inteligibilidade.

A Experiência Humana na catequese

*Funções:*

- Faz nascer na pessoa interesses, interrogações, esperanças e sonhos. Reflexões e juízos que conferem um certo desejo de transformação à existência;
- Favorece a inteligibilidade da mensagem cristã;
- As funções agora expostas ensinam que a experiência assumida pela fé se torna de certo modo âmbito de manifestação e realização da salvação, sendo aí que Deus alcança a pessoa com a sua graça e a salva.

O catequista deve ajudar a pessoa a ler a própria vivência nesta perspectiva, a descobrir o convite do Espírito Santo à conversão, à esperança. E assim descobrir cada vez melhor o projecto de Deus na sua própria vida.

Torna-se uma tarefa estável da pedagogia catequética iluminar a experiência como dado da fé, que é anúncio dos profetas, a pregação de Cristo e o ensino dos Apóstolos, que é o percurso da Igreja.

Por isso constituem o critério fundamental a seguir para cada encontro entre fé e experiência humana.

## Memória

A catequese está vinculada à “memória” da Igreja que manteve viva entre nós a presença do Senhor. O exercício da memória é um elemento construtivo da pedagogia da fé.

As principais fórmulas da fé devem ser especialmente consideradas como objecto de memorização.

É preciso porém que tais fórmulas sejam propostas como síntese (Símbolo apostólico, Pai-Nosso, Ave-maria...).

O essencial é que os textos memorizados sejam ao mesmo tempo interiorizados e compreendidos.

Este processo favorece uma melhor participação da verdade recebida, o que facilita uma resposta pessoal.

## 3 Intervenientes no processo catequético

### *O Catequista*

“Nenhuma metodologia pode dispensar a pessoa do catequista, em cada uma das fases do processo catequético, por mais experimentada que essa metodologia possa ser. O carisma que lhe é dado pelo Espírito, uma sólida espiritualidade e um transparente testemunho de vida, constituem a alma de todo e qualquer método, e só as qualidades humanas e cristãs do catequista garantem o bom uso dos textos e de outros instrumentos de trabalho.

O catequista é, intrinsecamente, um mediador que facilita a comunicação entre as pessoas e o mistério de Deus, dos sujeitos entre si e a comunidade. Por isso, deve empenhar-se, a fim de que a sua visão cultural, a sua condição social e o seu estilo de vida não representem um obstáculo para o caminho da fé, criando antes as condições mais adequadas, para que a mensagem cristã seja procurada, acolhida e aprofundada.

O catequista não deve esquecer que a adesão crente das pessoas é fruto da graça e da liberdade e, portanto, faz com que a sua actividade seja sempre amparada pela fé no Espírito Santo e pela oração. Enfim, a relação do catequista com o destinatário da catequese é de fundamental importância. Tal relação constrói-se através de uma paixão educativa, de engenhosa criatividade, de adaptação e, ao mesmo tempo, de máximo respeito pela liberdade e pelo amadurecimento da pessoa. Através deste sábio acompanhamento, o catequista realiza um dos serviços mais preciosos da acção catequética: ajuda os destinatários da catequese a discernirem a vocação a que Deus os chama” (DGC 156).

A sua actividade e a criatividade durante o processo de formação catequético, assumem o compromisso de viver activamente a fé, a esperança e a caridade, de adquirir a capacidade e a rectidão do juízo crítico de reforçar a decisão pessoal de conversão e de prática cristã.

### *O Grupo*

A comunidade cristã tem de ser referência concreta e exemplar para o caminho de fé de cada pessoa. Isto na medida em que é fonte, lugar e meta da catequese.

O grupo desempenha uma função importante no processo de desenvolvimento das pessoas. O grupo cristão, para além de ter uma dimensão didáctica, é chamado a ser uma experiência de vida eclesial, encontrando na Eucaristia a sua meta e a sua manifestação.

### *Síntese:*

- Na transmissão da fé, a Igreja, à luz da palavra de Deus, discerne os métodos de cada época e de cada tempo. Coloca-os ao serviço do Evangelho, tendo como objectivo a educação da fé;

- Os intervenientes do processo catequético são elementos que podem favorecer a mensagem com mais clareza e a uma melhor assimilação dos conteúdos da fé.

### *Dinâmica:*

Cântico à escolha.

Trabalho de grupo: tendo em conta uma sessão de catequese (texto), refira os elementos de metodologia presentes na referida sessão de catequese.

Plenário.

### *Textos de referência:*

DGC 148-162.

CT 31.51.55.

R.I.C.A. (Ritual da Iniciação Cristã de Adultos), *Preliminares*.

## Pedagogia Divina

### *Objectivos:*

- Fomentar a comunhão e intimidade com Jesus Cristo;
- Transmitir a linguagem da fé ao homem de hoje;
- Unir fé e a vida;
- Respeitar a liberdade e a autonomia, educando para uma opção por Cristo.

### *Desenvolvimento:*

#### Pedagogia Divina

“Deus trata-nos como filhos, e qual é o filho a quem o pai não corrige”(Heb 12,7)

A pedagogia Divina é o “caminho”que seguiu o nosso Deus na História, para se revelar aos homens e comunicar-lhes a “Boa Notícia” da Salvação.

Nesta pedagogia quem toma a iniciativa é sempre Deus. É Ele que toma a iniciativa de amar o homem com um amor pessoal, que se dirige a cada um em particular chamando-o pelo próprio nome. Deus só quer a salvação de todos. “A salvação da pessoa, que é o objectivo da Revelação, também se manifesta como fruto de uma original e eficaz ‘Pedagogia de Deus’ ao longo da história” (DGC 139).

Deus guia a humanidade, orienta-a, aproxima-a de Si. Torna-se para o Seu povo como um pai ou uma mãe que ensina ao seu filho os caminhos da vida. “Como um pai educa seu filho, assim Deus educa seu povo” (Dt 8,5).

Começamos por ver a pedagogia de Deus em dois momentos da história:

### *1.1.No Antigo Testamento*

Deus está presente na caminhada do Seu povo. Compromete-Se com ele a ajudá-lo a alcançar as metas da salvação. No chamamento de Abraão, Deus revela-se como o “Deus da promessa” e suscita a fé e a esperança (Gn 17,2). Vem de seguida caminhada do Egito. Caminhada de libertação, que implica o nascimento de um povo estruturado e o esboço de uma humanidade reconciliada. Depois vem a provação e o desterro. Os profetas intervêm. Deus está presente em todos os momentos, quer sejam felizes, quer sejam de adversidade.

Deus chama o Seu povo a uma caminhada de conversão. Quer educá-lo para a autêntica liberdade. Por vezes o povo esquece, mas Deus continua pacientemente a chamar à atenção para os caminhos da verdadeira liberdade.

Deus fala, partindo de algo que os homens antevêm, que pertence à experiência deles, e procura levá-los a descobrir e compreender algo novo do Seu ser, do Seu amor, da Sua vontade. Mais ainda: Deus ilumina o Seu povo através dos profetas para que compreendam o sentido da história que estão vivendo, dos acontecimentos que Deus quis ou permitiu.

A linguagem que Deus utiliza para o povo entender é uma linguagem de símbolos, ou sinais: é a vinha, sarça, o fogo, a nuvem, ... o próprio Deus quis ligar uma importância extraordinária aos sinais...É através dos sinais, na sua materialidade humana, que Deus quer fazer-se conhecer e comunicar-se a cada um.

A pedagogia de Deus é uma pedagogia de amor, de diálogo, de respeito pela pessoa, de progressividade, de auto-descoberta, de encarnação, de caminhada.

Deus chama, adverte, condescende, confia, espera, repreende, perdoa, mas sobretudo ama.

### *1.2. Novo Testamento*

“Ao chegar a plenitude dos tempos, Deus enviou à humanidade o Seu Filho, Jesus Cristo”(Gal 4,4-5)

Jesus é a Encarnação, na natureza humana, do Verbo. É a própria “Palavra de Deus” feita carne (Jo 1,14). Jesus Cristo torna-se para os homens de todos os tempos “Caminho, Verdade e Vida” (Jo 14,6). Ele manifesta o Reino de Deus por palavras e sinais.

O grande sinal, o único e original na História da Salvação é Jesus Cristo.

Jesus utiliza uma linguagem simples, muito próxima da linguagem das pessoas do seu tempo. Fala de sementeiras, de grãos lançados à terra, de pescadores e de redes, de pastores e rebanhos, de tesouros e de pérolas, de banquetes e casamentos, de construções na areia e na rocha, etc.

Jesus dirigia-se às pessoas, abordava privilegiadamente aquelas que mais necessitavam da Sua Boa Nova. É Ele que vai ao encontro de Zaqueu, (Luc 19), que toma a iniciativa com a Samaritana que tivera uma vida pessoal tão acidentada (Jo 4), que se aproxima do cego de nascença (Jo 9). Mas acolhe com a mesma atenção aqueles que se Lhe dirigem, ou que as circunstâncias da vida colocam diante d’Ele. Mostra-nos, assim, que não faz acepção de pessoas e que a Palavra de Deus é para todos. Manifesta para com todos o mesmo respeito e procede para com cada pessoa exactamente de acordo com aquilo de que tem necessidade. Jesus lança as suas raízes na experiência de vida de cada um e é essa mesma experiência que se torna lugar de Revelação.

Jesus apoia-se sempre nas experiências vitais daqueles a quem se dirige utilizando de modo particular o género literário das parábolas, cheias de colorido, de acção, de vida.

Jesus, “usa todos os recursos da comunicação interpessoal, como a palavra, o silêncio, a metáfora, a imagem, o exemplo e diferentes sinais, como faziam os profetas, convidando os seus discípulos a segui-Lo totalmente. Cristo entrega-lhes a sua Pedagogia da Fé como plena participação na Sua causa e no Seu destino” (DGC 140).

A pedagogia de Jesus “é uma pedagogia que se insere no “diálogo de salvação” entre Deus e a pessoa, sublinhando devidamente o destino universal dessa salvação; no que diz respeito a Deus, sublinha a iniciativa divina, a motivação amorosa, a gratuidade e o respeito pela liberdade; no que diz respeito à pessoa, evidencia a dignidade do dom recebido e a exigência de nele crescer continuamente” (cf. DGC 143).

### 1.3.A Pedagogia Divina e a Catequese

A pedagogia catequética segue a pedagogia divina. Esta só está completa quando o discípulo atinge “o estado de homem perfeito, à medida da estatura e plenitude de Cristo” (Ef 4,13).

A Igreja sendo Mãe, é também educadora da nossa fé (CCE 169). Ela educa, à maneira de Cristo, através dos Catequistas e das testemunhas autênticas, até fazer com que cada discípulo cresça, como o seu Mestre, “em sabedoria, em estatura e em graça, diante de Deus e dos homens” (Lc 2,52), levando-o a conhecer sempre mais o mistério de salvação, ensinando-o a adorar a Deus Pai para que viva na verdade segundo a caridade e, assim, cresça em direcção Àquele que é a Cabeça, Cristo (Cf. Ef 4,15).

A pedagogia catequética inspira-se no diálogo que Deus, amorosamente, vai tecendo com cada pessoa, como o de um Pai para com um filho, levando-a cada a descobrir a vocação à qual o Senhor a chama e ela responde docilmente, tornando-se uma pessoa madura na sua fé, capaz de responder a Deus com o testemunho da sua vida e de “dar razões da sua esperança” (1Ped 3,15).

#### *Síntese:*

##### A Pedagogia de Deus:

- Assume a pessoa na condição em que se encontra;
- Respeita pacientemente o ritmo de cada um;

- Chama a Si com vínculos de Amor;
- Faz com que ela cresça progressivamente;
- Para levar-nos à maturidade de filhos: livres, fiéis e obedientes.

Em Jesus:

- É continuada a Pedagogia iniciada pelo Pai;
- Manifestando o Seu Reino por palavras e obras;
- Levando cada pessoa a sentir-se amada e querida por Deus.

A Catequese:

- Inspira-se na Pedagogia de Deus:
- Levando cada pessoa a discernir a vocação à qual o Senhor a chama e ela livremente responde, tornando-se um cristão maduro na sua fé capaz de responder a Deus com o testemunho da sua própria vida.

*Dinâmica:*

- Cântico de ambientação: Amar como Jesus amou.
- Apresentação e exposição do tema para reflectir.
- Trabalhar em grupo estas questões:

1) - Descrever as características da Pedagogia de Deus no Antigo e no Novo Testamentos.

2) -Descobrir no nº140 DGC as características da pedagogia de Jesus.

3)- Consequências para a nossa catequese partindo do facto da pedagogia que utilizamos ter como fonte a Pedagogia de Deus.

- Plenário.

- Síntese da reunião

Oração:

Senhor Jesus, vieste ao meu encontro,

Entraste na minha vida e eu encontrei-Te.

Apesar do meu pecado, da minha limitação

E da minha auto-suficiência,

Orienta-me para o Pai.

Conduz a minha vida, no Teu Reino,

No meu compromisso,

No Teu serviço, na vida dos irmãos.

Desperta em mim a confiança numa vida nova,

Abre o meu coração à Tua Palavra,

Fortalece em mim a fé

E envolve-me da Tua benevolência.

Para que a Tua graça me fortaleça.

Ámen

*Textos de referência:*

Sagrada Escritura (Gn 17,2; Dt 8,5; Heb 12,7; Gal 4,4-5; Jo 1,14; Jo 9; Jo 14,6; Jo 4; Luc 2,52;19;Ef 4,13;4,15; 1Ped 3,15

CCE 58. 169

CT 9.58

DGC 139, 140, 143.



# Catequese e Vocação

## OBJECTIVOS:

- Descobrir o dinamismo da vocação;
- Conhecer a diversidade de vocações na Igreja;
- Provocar abertura ao chamamento de Deus;
- Tomar consciência que se é mediação para o chamamento de Deus.

## Desenvolvimento

### Dinamismo da Vocação

Todas as pessoas têm vocação. Criados homem e mulher à imagem de Deus, todos são chamados a viver como filhos de Deus. Livres e responsáveis pelos seus actos, “gozam do direito de serem livres de qualquer coacção na escolha do estado de vida” (cân. 219).

Toda a vocação supõe permanência; é um compromisso definitivo, que dá sentido a toda a vida. Cada pessoa descobre e redescobre a sua vocação ao longo dos anos. Após a escolha decisiva, a vocação inicial, a chamada à santidade, confirma-se através das múltiplas opções da vida quotidiana.

Quando falamos de vocação estamos a falar de um chamamento que supõe o encontro de duas liberdades.

#### 1. A liberdade absoluta de Deus, que chama.

A vocação é um dom, uma graça que se recebe. É Deus que a dá e fá-lo sempre de uma forma discreta. Por isso, a vocação é sempre um gesto de

predilecção por parte de Deus. É uma escolha que Deus faz de alguém. É sempre Ele que toma a iniciativa. Esta escolha implica um chamamento e Deus vai chamando de diferentes modos.

Ao longo da história Deus foi chamando nas mais variadas circunstâncias: Moisés guardava o rebanho (de Jetro, seu sogro)... Samuel dormia... Pedro estava a pescar... Mateus estava na banca... Zaqueu em cima de uma árvore...

Hoje, como ontem, o chamamento de Deus acontece na normalidade da vida: através de um sentimento, de um convite, de um encontro de reflexão, de uma necessidade sentida...

São muitos e diferentes os modos como Deus, hoje, continua a chamar!... Fá-lo através de apelos concretos dirigidos pessoalmente e, muitas vezes, através de pessoas concretas. Nós somos chamados, mas ao mesmo tempo somos voz de chamamento.

O chamamento vai acontecendo, não é feito uma só vez. Deus continua, cada dia, a chamar. E todo o chamamento implica uma resposta.

2. É a liberdade humana que responde ao chamamento.

Se alguém dá uma resposta negativa, a vocação morre ao nascer ou no percurso da maturação.

Assim, para que se concretize vocação é necessário sentir-se predilecto de Deus; é necessário deixar-se surpreender e maravilhar por este amor que Deus tem por cada um, que convida a dizer como Maria ante a proposta do Anjo: “A minha alma glorifica o Senhor e o meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador, que olhou para o sua humilde serva” (Lc. 1,46).

A atitude do vocacionado diante do chamamento de Deus, *mais do que uma decisão*, é uma resposta de fé contínua e renovada cada dia.

O progressivo amadurecimento da resposta de fé, ao chamamento vai acontecendo na medida em que escolhemos Cristo como companheiro da nossa vida e nos deixamos conduzir pela acção do Espírito.

### 3. Missão

A vocação não é uma aventura puramente pessoal e interior. Ela tem sempre uma dimensão social e colectiva, porque, no mundo como na Igreja, ela é sempre um apelo a colocar os próprios dons ao serviço dos outros. A vocação do cristão é ao mesmo tempo obra de Deus e obra do homem, para a missão da Igreja. A resposta dada a um chamamento corresponde sempre a uma missão. Deus chama para quê? Para enviar. Para confiar uma missão. Por isso, a toda a vocação corresponde uma missão concreta e particular.

Ser chamado por Deus é ser enviado. Podemos dizer que a missão é um elemento essencial da vocação e que por sua vez é expressão da tarefa que Deus quer realizar através da pessoa que escolheu.

#### Origem da vocação

A primeira é sem dúvida o chamamento à vida, depois através do baptismo, Deus chama-nos a ser cristãos, isto é, Seus seguidores; depois chama para uma vocação específica na Igreja e na sociedade (cf. DGC 231).

O documento *Renovamento da Catequese* de 1970 do episcopado Italiano refere, que “a vocação profética de cada um dos membros do Povo de Deus tem a sua origem no Baptismo, desenvolve-se e especifica-se através dos outros sacramentos, em ministérios diversos”.

Entenda-se vocação, não como encargo de ocasião, mas como algo que provém do lugar que ocupamos na Igreja como baptizados, como confirmados e como alguém que busca o seu estado de vida ou como alguém que dá vida à sua vocação de casado ou celibatário.

## Diversidade de vocações

Na Igreja existe uma diversidade de vocações, mas todas se enxertam na vocação baptismal. É uma variedade, que torna mais concreta a riqueza da Igreja. São diferentes vocações e cada uma é portadora de um carisma próprio, mas não sendo rivais, completam-se e “relacionam-se” entre si (cf. ChL 45<sup>ss</sup>). “Os dons são diferentes, mas o Espírito é o mesmo...” (1 Cor. 12, 4-7).

Os clérigos e os leigos (casados ou celibatários), são chamados a testemunhar a sua fé onde vivem e uns e outros têm a missão de anunciar o Evangelho.

Os sacerdotes são homens chamados e enviados a anunciar o Evangelho, a congregar o Povo de Deus e a celebrar o culto.

Há entre os leigos, homens e mulheres, que são chamados e viver o Evangelho de uma forma mais radical. Com um sim livre e responsável aceitam viver uma vida em comunidade mediante uma regra e comprometem-se a ser fiéis a três votos: de castidade, de pobreza e de obediência. Com este estilo de vida formam as famílias religiosas e são na Igreja expressão viva dos diferentes carismas. Há, sobretudo, duas formas de vida religiosa: vida monástica (dimensão só contemplativa) e a vida apostólica (contemplativa e activa) (cf. DGC 228).

Alguns leigos são chamados a viver, de uma forma particular a consagração baptismal e optam por viver ligados a um Instituto secular. Estes fiéis, “vivendo no século, esforçam-se por atingir a perfeição da caridade e por contribuir, sobretudo a partir de dentro, para a santificação do mundo” (cân. 710).

A maioria dos leigos é chamada a viver em matrimónio. Mas, segundo o Concílio Vaticano II, “os leigos cooperam na obra de Evangelização da Igreja e participam da sua missão salvífica” (AG 41).

A Igreja é por natureza “missionária”, diz-nos o mesmo Concílio no Decreto sobre as missões (Ad Gentes), e na verdade ao longo da sua história tem sido

grande o número de homens e mulheres que se têm dedicado à causa da vida missionária. É significativo o número daqueles que, abraçando outra vocação, se dedicam também em definitivo ou temporariamente à causa missionária. Habitualmente este compromisso faz-se em ligação com um Instituto Missionário (cf AG 2; cân 781).

O catequista é agente e destinatário da vocação

O Directório Geral da Catequese diz que o catequista é um agente e simultaneamente um destinatário da vocação (cf. DGC 231). São vários os documentos do Magistério que nos alertam para a relação entre a pastoral vocacional e a catequese.

Destacamos a catequese como encontro, que, ao apresentar uma proposta e interpelação da Palavra, provocava uma confrontação e suscita uma resposta. É assim que podemos afirmar que uma catequese bem feita é sempre vocacional, na medida em que favorece o encontro com Deus e gera diálogo que implica respostas pessoais. De um conjunto de “sim”, dado hoje e amanhã em caminhada de fé, pode surgir uma vocação de especial consagração, tanto na pessoa do catequista como na pessoa do catequizando. A catequese deve guiar os crentes, particularmente os jovens, na escuta da Palavra de Deus, preparando-os para acolher a própria vocação, como resposta ao chamamento de Deus (cf. DGC, 229).

Ao longo do itinerário catequético de dez anos, encontramos várias catequeses de cunho vocacional, que oferecem oportunidade de nos colocarmos, a nós e aos nossos catequizandos, em dinamismo vocacional. Se qualquer vocação é dom, é graça de Deus, ela é também resultado da acção do homem, que responde pessoalmente, ou, é mediação da proposta de que Deus quer dirigir a outros. É preciso ter ousadia de chamar pessoalmente e de colocar, com alegria e entusiasmo, a questão de uma vocação específica, àqueles que estão em estado de opção. Porém, não basta propor, é também preciso ter ousadia e coragem de colocar a questão a si próprio: Que queres de mim, Senhor? A fase da juventude é

propícia para as grandes decisões, que cada um tem de tomar na vida, para ser pessoa feliz e realizada. “A catequese é diálogo que Deus vai tecendo amorosamente com cada pessoa”, (D G C, 144).

O catequista deve ser o amigo, o que faz caminho com os destinatários da catequese, para ajudar a discernirem a vocação a que Deus os chama. É necessário acompanhar e deixar-se acompanhar, mediante um diálogo pessoal, de modo a ir-se lendo os sinais através dos quais Deus se está a manifestar. O catequista é este grande agente do discernimento vocacional. Quantas vocações começam a germinar nos primeiros anos de catequese, que se vão estruturando e se especificam na adolescência?!

O futuro das vocações está nas mãos de Deus, mas de certo modo está também nas mãos de cada um de nós. É urgente que assumamos a condição de mediadores de Deus, que hoje como ontem continua a segredar: “Vem e segue-Me” (Mc.10,21).

### *Síntese:*

- Uma vocação implica sempre o confronto de duas liberdades. E é um convite para colocar ao serviço dos outros as qualidades que se possuem.
- Toda a vocação se enxerta na vocação baptismal. E todos os vocacionados – clérigos ou leigos – são chamados a anunciar o Evangelho e a testemunharem a sua fé.
- Os catequistas são mediadores, para que o chamamento de Deus, hoje, se faça ouvir. E são simultaneamente agentes do discernimento vocacional.

### *Dinâmica:*

Cântico: *Se ouvires a voz de Deus...* (ou outro cântico)

Chuva de Ideias:

Colocar uma cartolina com a palavra VOCAÇÃO ao centro.

Convidar o grupo a dizer livremente o que essa palavra lhe diz e anotar em volta. Não colocar nenhum entrave à imaginação do grupo, deixar total liberdade de expressão.

Começar a eliminar aquilo que nada tem a haver com o assunto que se vai abordar.

Seleccionar apenas os elementos essenciais.

Expor o tema: Catequese e vocação

Trabalho de grupo: Fazer um “SLOGAN” que sintetize o conteúdo e sirva para colocar no espaço informativo da comunidade.

Partilha do trabalho do grupo: Neste pode fazer-se escolha de apenas um ou dois slogan ou eliminar os que se repetem.

Oração :

Senhor, Tu que me convidas-te a servir-Te,

dá-me também a capacidade para efectuar o Teu querer.

Deste-me uma obra a fazer,

dá-me as ferramentas para a realizar,

e dá-me, também, a porção necessária da Tua sabedoria.

Senhor, fizeste-me portador da Tua mensagem,

e construtor do teu Projecto,

dá-me força para ser Tua testemunha,

para cooperar contigo.

Permite, Senhor, que eu seja de verdade

Instrumento da Tua vontade,  
que eu saiba estar atento ao Teu querer  
e seja capaz de abrir novos horizontes  
naqueles a quem faço catequese.  
Obrigado, Senhor por confiares em mim.

*Textos de referência:*

Sagrada Escritura: Mt. 20,1<sup>ss</sup>; Mc. 10, 21; Lc. 1, 46; 1 Cor. 12, 4 -7.

CIC: cân. 219,710, 781.

DGC 144, 228, 229, 231.

AG 2, 28, 41.

ChL 4.

## Identidade do Catequista

### *Objectivos:*

- Reconhecer a razão de ser do catequista na missão da Igreja;
- Conhecer o essencial da missão do catequista;
- Confrontar a concepção de catequista que tenho com a que a Igreja apresenta.

### *Desenvolvimento:*

#### O Catequista

A vocação de catequista, a sua existência na Igreja, é um dom do qual há que dar graças a Deus. Juntamente com este louvor é preciso discernir que tipo de catequistas a Igreja precisa, hoje, para realizar a sua tarefa de evangelização (Cf EN 14), nesta situação histórica concreta. O catequista surge, então, como alguém chamado por Deus, vocacionado; que acredita no Senhor, com uma fé profunda; e consciente do seu ser Igreja, com uma clara identidade eclesial.

O catequista participa e prolonga a missão de Jesus como Mestre, pois realiza o mandato do Senhor: “Ide e fazei discípulos”(Mt 28,19). Assim, Jesus Cristo, no seu seguimento e imitação, constitui para o catequista o modelo determinante de toda a sua missão.

Para que a catequese seja significativa, o catequista deve estar enraizado na forma de ensinar de Jesus Cristo que é cativante e atractiva, pelo que deve viver alimentado continuamente do Mistério Pascal de Jesus Cristo, que é o conteúdo fundamental do Evangelho e o núcleo do testemunho da fé Apostólica.

- Com uma fé profunda

Porque é chamado a ser educador da fé, o catequista deve possuir, antes de mais, uma profunda vida de fé. Deve estar imbuído de um profundo sentido religioso, com uma experiência madura de fé e um forte sentido de Deus, do divino. Isto porque o catequista deve ser o anunciador de Deus e dizê-Lo no mundo de hoje. Ao dizer a sua fé, está a responder às inquietações mais profundas do coração humano, que é a sede de absoluto que habita em cada homem (Cf DGC 23).

O catequista é, então, alguém consciente da sua fé. Tem uma posição tranquila e serena da sua opção por Cristo, confia n'Ele e vive em docilidade à acção do Espírito Santo. Na sua pessoa verifica-se a interacção entre fé e vida, ou seja, vive uma autêntica experiência de fé.

Isto significa que o catequista deve ocupar-se da sua própria vida no Espírito como exigência da responsabilidade que lhe outorga a Igreja, catequizar. O catequista experimentará um processo contínuo de amadurecimento na fé e configuração com Cristo, segundo a vontade de Deus Pai, guiado pelo Espírito Santo(Cf ChL 57).

De acordo com a exortação apostólica *Christifideles Laici*, o plano pessoal de vida espiritual cristã, necessário para todo aquele que quer viver na busca permanente da vontade de Deus, tem como elementos indispensáveis a escuta pronta e dócil da Palavra de Deus, a oração filial e constante, uma verdadeira direcção espiritual, e a leitura, feita na fé, dos dons e dos talentos recebidos, bem como das diversas situações sociais e históricas em que nos encontramos(Cf ChL 58). Este plano de vida espiritual proposto pela Igreja está ao serviço da vida no Espírito, ou seja, do processo configurador com Cristo, sob a acção do Espírito Santo.

- Clara identidade eclesial

A identidade eclesial provém de uma forte adesão a Jesus Cristo e do seguimento d'Ele. O catequista tem bem clara a sua pertença à Igreja, o seu ser Igreja. A identidade do catequista vem, pois, definida não só pela sua personalidade de cristão, igual a todos os baptizados, mas também, e sobretudo, pela sua missão específica na Igreja. O catequista transmite a fé da Igreja como testemunha. Experimenta o seu ser Igreja como algo que faz parte da sua fé.

Isto é de extrema importância, porque há uma relação directa entre a concepção de Igreja e a transmissão da fé. Só com catequistas que se sentem Igreja, que têm e vivem uma correcta concepção da mesma, a transmissão de fé se realiza correctamente. Mais, uma das principais causas da pouca eficácia da nossa catequese actual está precisamente no deficit eclesial dos nossos catequistas. Porque a Igreja faz parte da confissão de fé, se ela não está plenamente presente, a fé que se transmite é deficiente: “a confissão de fé só é completa quando integra a referência à Igreja” (DGC 83), o *creio* e o *cremos* exigem-se e implicam-se mutuamente.

O catequista, como agente da Evangelização, age em nome da Igreja, o que tem uma dupla consequência: sente-se apoiado por toda a Igreja e transmite a fé da Igreja (Cf EN 60).

- Enviado pela Comunidade

O catequista realiza a sua missão no âmbito da Comunidade, da Paróquia, e por mandato desta, pois a catequese é uma responsabilidade de toda a comunidade cristã (Cf DGC 220; AG 14; CT 62): a “catequese tem sido sempre e continuará a ser uma obra pela qual toda a Igreja se deve sentir e mostrar responsável”(CT 16). Além do mais a comunidade cristã, a Igreja, é origem e meta da catequese, além de conteúdo de fé.

A relação entre o catequista e a comunidade que o envia nunca pode ser descuidada, nem pressuposta: a fidelidade à Igreja é fundamental para o catequista e para a sua missão.

Embora toda comunidade seja responsável pela catequese e a todos é pedido o testemunho da fé, só alguns recebem o mandato de serem catequistas (Cf DGC 221)

- Com Preocupação missionária

A realidade em que vivemos, com a situação adversa à fé, pede que a Igreja exerça duas acções simultâneas no campo catequético: a acção missionária e a catequese de iniciação. Assim, um catequista com preocupação missionária deve procurar acima de tudo, que os catequizandos adiram à fé, no meio de uma situação adversa, procurem cooperar com a graça de Deus, para que se realize uma verdadeira conversão.

Esta preocupação missionária não nasce do medo, mas sim da alegria em anunciar a Boa Nova; e não se faz por costume, mas sim porque se descobriu a grande surpresa que é Cristo. Só assim se poderão vencer os anticorpos de uma sociedade que se vacinou contra tudo aquilo que é cristão.

- Com um saber específico

Para realizar a sua missão de educador da fé, para além da formação doutrinal sólida, deve possuir a formação básica sobre os princípios fundamentais da pastoral e o projecto pastoral da Igreja diocesana, dominar o essencial daquilo que é o acto catequético e a programação catequética, conhecer as pessoas com quem vai trabalhar, as suas motivações, bem como as situação social e de fé de cada um dos catequizandos. Por último, saber fazer uma leitura crente e, por isso, esperançosa da realidade (Cf DGC 16).

- Para fazer discípulos, numa Igreja sempre renovada

A finalidade da acção do catequista consiste em acompanhar o catequizando num processo de conversão, em ordem a favorecer uma profissão de fé viva, explícita e actuante; ou seja, fazer discípulos de Jesus Cristo. Este objectivo é conseguido na Igreja, como origem, meta e âmbito da catequese. É sempre da comunidade cristã que nasce o anúncio do Evangelho, que convida cada pessoa a seguir Cristo. É esta mesma comunidade eclesial que acolhe aqueles que desejam conhecer Jesus Cristo, acompanha e convida a participar na experiência da fé (DGC 254), contando sempre com o ministério dos catequistas. Por isso os catequistas prestam um serviço eclesial ao serem agentes de transmissão da fé e, por consequência, edificadores da Igreja, onde está presente o Mistério de Deus.

Aqui está o essencial da missão eclesial do catequista: deve estar ao serviço da profissão de fé dos catequizandos, na Igreja, como lugar de transmissão e de possibilidade de profissão de fé. Só na Igreja, que é mistério de comunhão em razão da Comunhão Trinitária, é que a pessoa humana pode aceder ao desígnio de salvação eterna na história, através do mistério pascal de Jesus Cristo. Trata-se de que o homem se deixe introduzir no Mistério trinitário e viver desse Mistério.

### *Síntese:*

- O catequista é alguém dotado de uma profunda fé adulta.
- O mandato de transmitir a fé como testemunha é-lhe conferido pela própria Igreja, pela Comunidade onde exerce o seu ministério.
- Realiza a sua missão com competência e alegria, procurando cooperar com a acção de Deus junto daqueles que Ele chama para a sua Igreja.

### *Dinâmica:*

#### “Chuva de Ideias”

O orientador da reunião começa por solicitar a cada participante que se recorde das características de alguns catequistas que admira, talvez até aqueles que foram seus catequistas.

De seguida faz-se uma síntese, coligindo aquelas qualidades que são mais significativas.

O orientador expõe, então, o tema ao qual se segue uma reunião por grupos, de cerca de dez minutos, onde cada grupo vai analisar alguns daqueles textos que vão no *Textos de referência*.

A reunião, ou tempo formativo, acaba com um plenário.

Encerra-se o encontro com a canção “Somos a Igreja de Cristo”.

### *Textos de referência:*

Cristo é o modelo do catequista: Jo 4,1-41.

O Catequista, pessoa de fé: CCE 1814-1816.

A Igreja está presente na formação do Catequista: DGC 236.

Qualidades dos catequistas: CCE 428.

Os leigos na Catequese: DGC 230-231.

O papel do catequista na acção catequética: DGC 156

Os leigos na Catequese: CT 66.

O catequista realiza uma missão eclesial: EN 60.

Siglas .....	2
Introdução .....	4
Revelação Divina .....	6
Fontes da Catequese.....	12
O que é evangelizar e o lugar da Catequese.....	17
Natureza, finalidade e tarefas da Catequese.....	22
Elementos de Metodologia .....	27
Pedagogia Divina.....	33
Catequese e Vocação.....	40
Identidade do Catequista .....	48